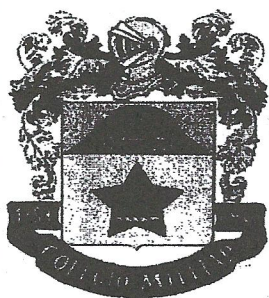


MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO
(Casa de Thomaz Coelho/1889)
CONCURSO DE ADMISSÃO AO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL 2016/2017
PROVA DE PORTUGUÊS
13 DE NOVEMBRO DE 2016



 Aprovo DIRETOR DE ENSINO		
COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO		
 MEMBRO	 PRESIDENTE	 MEMBRO

INSTRUÇÕES PARA REALIZAÇÃO DA PROVA

PROVA

1. Esta prova contém 20 (vinte) questões objetivas de PORTUGUÊS, distribuídas em 13 (treze) páginas, incluindo a capa, uma proposta de redação e 01 (uma) página de rascunho.
2. Não será permitido o uso de dispositivos eletrônicos ou digitais, tais como: celulares, calculadoras, tablets, etc. A insistência em utilizar tais dispositivos acarretará na sua eliminação do processo seletivo.

EXECUÇÃO DA PROVA

3. O tempo total de duração da prova é de 03 (três) horas.
4. Os 15 (quinze) minutos que antecedem o início da prova são destinados à conferência da impressão.
5. Em caso de alguma irregularidade, somente com relação à impressão das questões, chame o Fiscal.

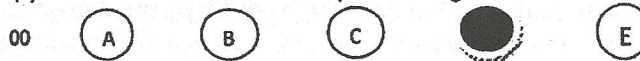
CARTÃO-RESPOSTA COM REDAÇÃO

6. Ao recebê-lo, CONFIRA seu nome, número de inscrição e ano de ensino; em seguida, assine-o.
7. Escreva a sua redação no verso do CARTÃO-RESPOSTA
8. No Cartão-Resposta, para cada questão objetiva, assinale uma única alternativa. Para o preenchimento do Cartão-resposta, observe o exemplo abaixo:

00. Qual o nome do vaso sanguíneo que sai do ventrículo direito do coração humano?

- (A) Veia pulmonar direita
- (B) Veia cava superior
- (C) Veia cava inferior
- (D) Artéria pulmonar
- (E) Artéria aorta

A opção correta é D. Marca-se a resposta da seguinte maneira:



9. As marcações deverão ser feitas, obrigatoriamente, com caneta esferográfica de tinta da cor preta ou azul.
10. Não serão consideradas marcações rásuradas. Faça como no modelo acima, preenchendo todo o interior do círculo-opção sem ultrapassar os seus limites.
11. O candidato só poderá deixar o local de prova depois de transcorridos 45 (quarenta e cinco) minutos do tempo destinado à realização de prova. O Fiscal avisará sobre o transcurso desse tempo.
12. Os três últimos candidatos, ao entregarem suas provas, permanecerão em sala como testemunhas do encerramento dos trabalhos a cargo do Fiscal de Sala.
13. Ao terminar a prova, sinalize ao Fiscal e aguarde sentado até que ele venha recolher o Cartão-Resposta.
14. O candidato só poderá levar o Caderno de Questões se permanecer em sala até o término dos 180 (cento e oitenta) minutos de prova. AGUARDE AUTORIZAÇÃO PARA INICIAR A PROVA.



Ir para a escola, aprender assuntos novos, fazer amigos, superar seus limites é direito de todas as pessoas. Existem vários tipos de escolas e diversos caminhos de ensino e aprendizagem. Alguns são mais fáceis, outros mais difíceis.

Nesta prova, você está convidado a refletir sobre aspectos da vida escolar (tipos de ensino, relação professor-aluno, material escolar, medos e desejos, problemas e desigualdades).

Leia os textos com atenção, reflita e resolva as questões propostas.

Boa Prova!

Meu tataravô era africano é um romance que conta a história de Inácio – um menino que aprende na escola sobre a escravidão no Brasil. Preocupado com a possibilidade de seus familiares terem sido escravos, ele quer ouvir de seu avô essa história.

Inácio entrou em casa correndo, procurando seu avô:

– Mãe, mãe, cadê o vovô? Preciso muito falar com ele.

– Calma, menino! Seu avô foi comprar pão.

– Então ele vai demorar muito! Ele fica conversando com todo mundo na rua, e eu tenho que perguntar umas coisas pra ele. É um trabalho de escola.

– E seu avô vai saber responder?

– Acho que vai, é um trabalho sobre os escravos, e minha professora disse que os negros vieram da África e que, antigamente, todos os negros eram escravos. Então, se vovô é negro, ele veio da África e era escravo.

– Não, querido. Nem todos os negros vieram da África ou foram escravos. Seu avô nasceu aqui no Brasil e nunca foi escravo.

– Nunca? Mas a minha professora disse que...

– Quem veio da África e era escravo foi o bisavô do seu avô.

/.../

Na fazenda de café

– Vô, tenho um amigo lá na escola que em todas as férias viaja para a fazenda da tia dele, que fica em São Paulo. Eu queria tanto conhecer uma fazenda! Deve ser muito bom acordar cedinho e tirar leite das vacas, não é?

– Sabe, Inácio, antigamente eu vivia dizendo que se ganhasse na loteria compraria um sítio. Agora, não tenho mais esperanças de ganhar, não.

– Mas, vô, você joga na loteria?

– Já joguei, agora não jogo mais. Acho uma bobagem, não ganho mesmo.

– Vô, mas eu não queria conhecer uma fazenda do mesmo jeito que meu tataravô conheceu, não. Minha professora contou que era muito triste a vida nas fazendas de café, a começar pela viagem, pois os escravos viajavam dias e dias a pé, e lá eram obrigados a trabalhar muito.

– Poxa, Inácio, como você é inteligente! Consegue guardar tudo nessa cabecinha. Na minha idade, não consigo aprender mais nada.

– Que é isso, vô? Tem um monte de gente da sua idade que ainda estuda, sabia? Por que você não volta a estudar?

– Ah, Inácio, acho que não dou mais pra isso, não. Não tenho mais paciência pra esse negócio de escola.

– Então, vô, você pode estudar comigo, que tal? Tudo o que minha professora de História me ensinar eu ensino pra você, combinado?

/.../

MARTINS, Georgina; TELLES, Teresa Sila. *Meu tataravô era africano*. São Paulo: Editora DCL, 2008. p. 29-30; 46-47. (fragmento adaptado)



- 1) A partir de uma aula de história, Inácio procura o avô para aprender sobre o passado de sua família. Essa atitude mostra que a escola dele
- (A) leva a conflitos com os mais velhos.
 - (B) ensina os alunos a respeitar as tradições.
 - (C) considera história a disciplina mais importante.
 - (D) estimula a buscar na vida o que se aprende nos livros.
 - (E) chama os pais para falar sobre o comportamento das crianças.
- 2) Na conversa sobre o trabalho nas fazendas de café, o avô explica as razões pelas quais não pensa em voltar a estudar. De acordo com a opinião dele, os estudos
- (A) são para pessoas de boa situação financeira.
 - (B) deveriam atender às necessidades de cada um.
 - (C) permitem a preparação profissional das pessoas.
 - (D) preparam os alunos para o trabalho nas fazendas.
 - (E) exigem uma perseverança superior a suas forças.
- 3) No texto, Inácio insiste em explicar como sabe as coisas: “minha professora disse”, “minha professora contou”, “tudo o que minha professora me ensinar”. Ao falar tanto na professora, o menino demonstra que
- (A) não tem certeza sobre o que aprendeu na escola.
 - (B) substituiu a família pela escola na sua formação.
 - (C) é atento e disciplinado como os outros estudantes.
 - (D) confia mais nos livros de história do que em seu avô.
 - (E) apoia seu conhecimento na palavra de uma autoridade.
- 4) Na palavra destacada na frase “Consegue guardar tudo nessa cabecinha”, a terminação -inha indica
- (A) valor afetivo.
 - (B) tamanho pequeno.
 - (C) percepção distorcida.
 - (D) coisa sem importância.
 - (E) palavra usada por criança.

Se não há uma pessoa igualzinha a outra, imagine entre as escolas! Veja como a escola da tirinha a seguir é diferente da de Inácio:

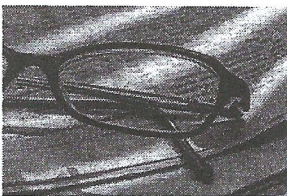




- 5) Na tira, o humor representado no último quadrinho foi alcançado a partir de uma situação de sala de aula, em que fica evidente o
- (A) desconhecimento de geografia.
 - (B) esquecimento do material didático.
 - (C) desinteresse pelas experiências pessoais.
 - (D) privilégio de alguns alunos sobre os demais.
 - (E) baixo rendimento dos alunos em algumas matérias.
- 6) Advérbios são palavras que se ligam a verbos (a adjetivos ou a outros advérbios) e informam circunstâncias de: tempo, lugar, afirmação, negação... Na tirinha, tem valor de advérbio a expressão
- (A) “regiões Sul e Nordeste”.
 - (B) “na página 45”.
 - (C) “de minha terra”.
 - (D) “essas bobagens”.
 - (E) “um monti de história”.
- 7) Na tirinha e em *Meu tataravô era africano*, há tipos de escola com visões diferentes sobre a (o)
- (A) avaliação formal em testes e provas.
 - (B) adequação do uso de expressões regionais.
 - (C) valor das experiências pessoais dos alunos.
 - (D) participação da família nos trabalhos de casa.
 - (E) escolha do material didático usado pelos alunos.

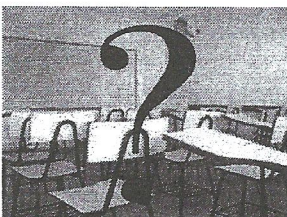
O texto a seguir foi publicado em um jornal. Aqui, o autor assume o compromisso de escrever sobre acontecimentos, pessoas e lugares, com informações objetivas. Nesta notícia descobrimos um lado triste da educação no Brasil: a falta de escolas.

Líder em analfabetismo, Alagoas tem fila de espera em programa suspenso



Todos os dias, os servidores alojados em uma sala de um prédio anexo à Secretaria Municipal de Educação de Maceió dão a mesma resposta: o Programa Brasil Alfabetizado está suspenso na capital alagoana por tempo indeterminado e não estão sendo feitas novas matrículas.

O estado tem a maior taxa de analfabetismo do país. De cada 100 pessoas com 15 anos ou mais de idade, 22 não sabem ler e escrever. Na capital, Maceió, 66 mil estão nessa situação, aponta pesquisa.



A dificuldade de manter adultos em cursos de alfabetização é citada por diversos gestores públicos e especialistas na área. Muitos desistem ou nem procuram as aulas.

Esse segundo caso é o da diarista Maria Cícera dos Santos Silva, moradora de Maceió. Aos 53 anos, "Tota", como é conhecida, escreve apenas o próprio nome. "Minha filha escrevia num papel, e fui copiando até aprender".

Casada, com três filhos e o mesmo número de netos, a diarista diz se ressentir de não ter participado da educação formal dos filhos.



"Quando eles começaram a estudar, era muito ruim. Mas, graças a Deus, a minha sobrinha me ajudava com as lições de casa deles", conta.

Hoje, a dificuldade se repete com os estudos da neta de quatro anos. A nora assume a função que a avó gostaria de desempenhar.

Tota teve negado o direito à alfabetização. Aos 5 anos, perdeu a mãe e, aos 10, o pai. Foi morar com uma tia, que não queria que ela estudasse para dar conta dos afazeres domésticos. "Às vezes, ia escondida para a aula e, quando voltava, levava uma surra de pôr sal nas costas."



Familiares a ajudam com tarefas do dia a dia, como seguir uma receita médica. Para outras, como pegar o transporte para ir trabalhar, ela improvisa. "Não erro, já decorei a cor dos ônibus", diz.

O desejo de estudar perdeu-se com os anos. "O tempo vai passando, a gente casa, tem filhos...", diz ela.

A resignação é uma característica comum entre adultos como ela, que não tiveram acesso à educação formal, afirma Rita de Cássia Lima Alves, da Comissão Nacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos.

"São pessoas que lutam pela educação dos seus filhos, mas não pela própria."

Wagner Melo. Colaborou Ângela Pinho, de São Paulo. *Folha de São Paulo*, domingo, 28/08/2016. Cotidiano, p. B12. (fragmento)

Glossário:

- **gestores:** pessoas que administram; diretores.
- **ressentir:** sentir muito; ficar magoado.
- **resignação:** ato de se resignar; submissão.

8) Como se pode observar na matéria da **Folha de São Paulo**, reportagens ou notícias são textos que apresentam:

- (A) Tom emocionado e apelo à curiosidade.
- (B) Frases curtas e emprego de comparações.
- (C) Uso da primeira pessoa e grande extensão.
- (D) Vocabulário difícil e intenção de convencer.
- (E) Emprego de linguagem clara e informação precisa.

9) O problema do analfabetismo vivido por Maria Cícera começou, ainda na infância, com a morte dos pais dela. Além disso, Tota deixou de frequentar a escola porque

- (A) as tarefas da casa se tornaram sua obrigação.
- (B) não eram oferecidos material didático e refeição.
- (C) as crianças sofriam castigos físicos e humilhações.
- (D) as moças estavam mais preocupadas com o casamento.
- (E) para ela, o trabalho era mais importante do que seus estudos.



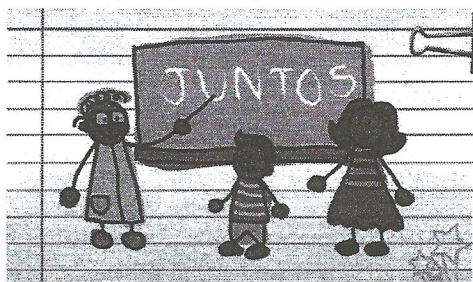
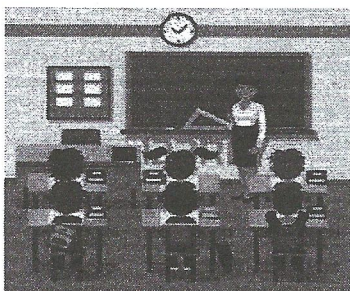
10) “A *resignação* é uma característica comum entre adultos como ela, que não tiveram acesso à educação formal”. Nessa frase, a palavra destacada está indicando que as pessoas como Tota tornam-se

- (A) indignadas e intolerantes.
- (B) conformadas e pacientes.
- (C) decididas e encorajadas.
- (D) maliciosas e vingativas.
- (E) animadas e satisfeitas.

11) Na palavra *indeterminado* (“está suspenso... por tempo *indeterminado*”), o elemento destacado – *in* – tem o mesmo sentido do elemento que aparece sublinhado na palavra

- (A) alojados
- (B) ressentir
- (C) afazeres
- (D) improvisa
- (E) analfabetismo

No texto a seguir, também publicado em jornal, o autor tem liberdade para contar coisas pessoais, numa linguagem mais informal. Observe.



Meus queridos professores

Durante toda a minha trajetória escolar, nunca vi nos professores apenas um caminho para ganhar algum conhecimento em matemática, geografia, literatura. Para mim, eles eram muito mais.

Na menor brecha que abriam, eu sugava de meus mestres formas de compreender os momentos embaçados da vida, formas de fazer a minha realidade melhor. Professor é o mundo todo sintetizado em giz, apagador e tutano.

Na adolescência, uma professora marcou minhas lembranças para sempre ao me emprestar, juro, apenas emprestar, a antologia poética do Drummond, que tinha capa dura verde e páginas em um papel tão fino que parecia que a qualquer momento iria se desintegrar. Li quase inteira, aprendi de um tudo.

"É para você se inspirar para o amor, refletir sobre a dureza da existência, engrossar o couro para o futuro. O poeta foi comedor de arroz com feijão igual a nós todos, mas deixou a alma viajar por grandes banquetes", dizia um bilhete da professora.

Talvez não seja muito pedagógico para os que ensinam estreitar laços com os que devem aprender, pois isso poderia gerar conflitos de autoridade, confusão com as tarefas atribuídas aos pais. Mas as batalhas abertas atualmente no ambiente escolar trazem a mim uma nostalgia danada daquele tempo em que a mesa do professor era coberta de flores do campo – muito mais campo do que flores –, doce caseiro, desenhos, poesias e outros mimos levados pela criançada.

Para mim, o professor foi um bálsamo salvador das pequenas e grandes angústias de ser um menino incomum fisicamente na escola. /.../



Bastava um exemplo, algumas palavras seguras, uma recomendação de um livro. Um mestre que repita o mantra "acredite que vai dar tudo certo, vá em frente, que é possível" faz toda a diferença.

Em outra situação estudantil, fui atrevido a ponto de ir à casa de um dos mestres (no interior do país, tem dessas coisas). Eu precisava como em uma emergência sufocante saber até quando eu teria de esperar para viver um grande amor, afinal, eu "já" tinha 16 anos. O professor me recebeu, levou totalmente a sério a minha dúvida e recomendou o melhor remédio de todos para os desesperados: "Tenha paciência. Seu tempo vai chegar".

/.../

Jairo Marques. *Folha de São Paulo*, 11/10/2011. Disponível em <<http://www1.folha.uol.br/fsp/cotidian/ff1110201105.htm>>. Acesso em 27/10/16. (fragmento)

12) O autor lembra que uma professora lhe disse, acerca de Carlos Drummond de Andrade: "O poeta foi comedor de arroz com feijão igual a nós todos, mas deixou a alma viajar por grandes banquetes". As expressões destacadas foram usadas em sentido figurado para dizer que

- (A) qualquer um pode fazer o trabalho do poeta.
- (B) para escrever poema basta aprender coisas simples.
- (C) a inspiração deixa o escritor satisfeito e alimentado.
- (D) o poeta fala de coisas comuns com sensibilidade especial.
- (E) quem pretende viver de literatura não se preocupa com dinheiro.

13) Observe a passagem: "Tenha paciência. Seu tempo vai chegar." Mantém-se seu sentido original em

- (A) Tenha paciência para seu tempo chegar.
- (B) Tenha paciência com seu tempo chegando.
- (C) Tenha paciência que seu tempo vai chegar.
- (D) Tenha paciência a fim de seu tempo chegar.
- (E) Tenha paciência tão logo seu tempo chegue.

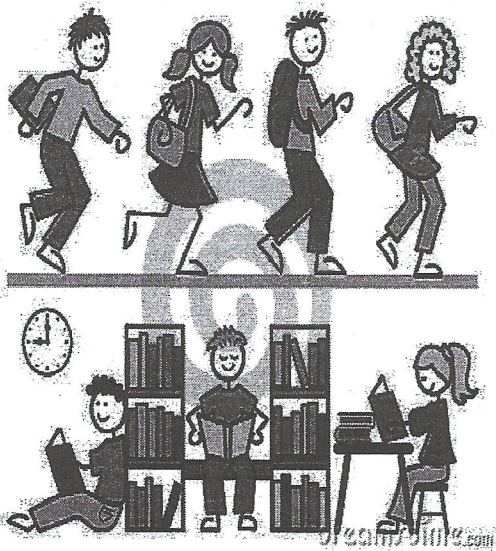
14) Na frase "afinal, eu 'já' tinha 16 anos", a palavra *já* foi usada entre aspas para mostrar que, na idade adulta, Jairo Marques reconhece que, quando mais jovem

- (A) se via à frente dos colegas.
- (B) era um adolescente ansioso.
- (C) não aproveitou bem sua infância.
- (D) imaginava que teria uma vida curta.
- (E) percebia as coisas à frente de seu tempo.

Há vários tipos de escola, não é mesmo? Pior: também há falta delas. Mas todas as que existem talvez possam ser divididas em dois grandes grupos...



Gaiolas ou asas



[...] Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado

[...]

Rubem Alves. *Gaiolas ou asas*. Disponível em: <<https://contadoresdestorias.wordpress.com>>. Acesso em 20/10/16. (fragmento)

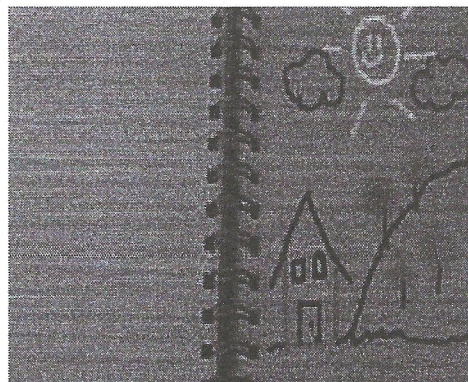
- 15) Rubem Alves faz uma comparação entre “escolas que são gaiolas” e “escolas que são asas”. Nesse contexto, “gaiolas” e “asas” significam, respectivamente,
- (A) permanência e igualdade.
 - (B) acolhimento e viagem.
 - (C) proteção e abandono.
 - (D) contenção e liberdade.
 - (E) carinho e indiferença.
- 16) Os alunos são comparados a pássaros na passagem “Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados.” Nesse sentido, o texto sugere que
- (A) alunos aprendem a voar na escola.
 - (B) professores não se libertam nem voam.
 - (C) escolas criativas levam a voos mais altos.
 - (D) alunos acomodados abrem mão da liberdade.
 - (E) adultos sem passagem pela escola se aprisionam.
- 17) Na passagem “Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer”, a substituição das expressões sublinhadas pelos pronomes pessoais correspondentes respeita a norma padrão em
- (A) dar-lhes e ensiná-lo.
 - (B) dá-los e ensiná-lo.
 - (C) dar-lhe e ensinar-lhe.
 - (D) dá-lo e ensina-o.
 - (E) dão-no e ensinam-lhe.



Como escola não é assunto só de livros e jornais, terminamos com uma canção (que você provavelmente já ouviu) em que se destaca um eterno companheiro de quem estuda: seu caderno.

O Caderno

(Toquinho)



Sou eu que vou seguir você
Do primeiro rabisco
Até o be-a-bá.
Em todos os desenhos
Coloridos vou estar
A casa, a montanha
Duas nuvens no céu
E um sol a sorrir no papel

Sou eu que vou ser seu colega
Seus problemas ajudar a resolver
Te acompanhar nas provas
Bimestrais, você vai ver
Serei, de você, confidente fiel
Se seu pranto molhar meu papel

Sou eu que vou ser seu amigo

Vou lhe dar abrigo
Se você quiser
Quando surgirem
Seus primeiros raios de mulher
A vida se abrirá
Num feroz carrossel
E você vai rasgar meu papel

O que está escrito em mim
Comigo ficará guardado
Se lhe dá prazer
A vida segue sempre em frente
O que se há de fazer

Só peço, avocê
Um favor, se puder
Não me esqueça
Num canto qualquer

Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/toquinho/87320/>>. Acesso em 22/10/2016.

18) Assim como um poema, a letra de música é marcada pela presença de ritmo e de um eu lírico, ou seja, a “voz” do texto. Na canção "O caderno", o eu lírico se dirige a uma interlocutora com a intenção de

- (A) lembrá-la da importância de ler.
- (B) dizer que estará sempre ao lado dela.
- (C) despertá-la para sua vocação artística.
- (D) prometer solução para seus problemas.
- (E) ajudá-la com seus amores na vida adulta.

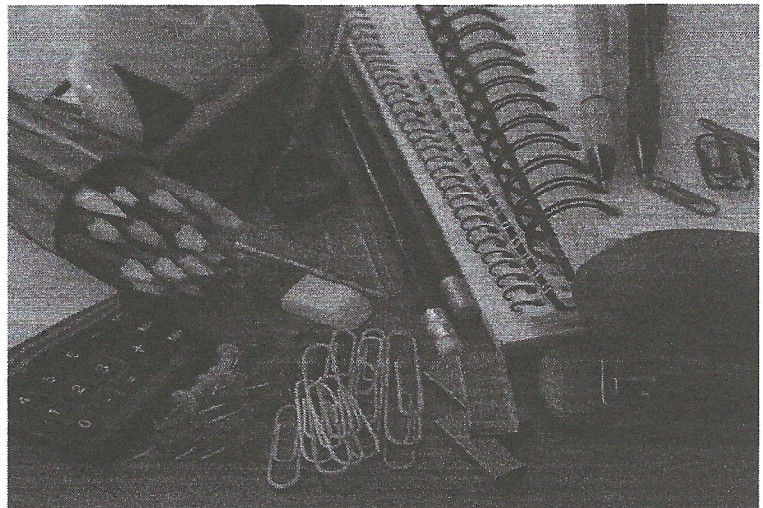


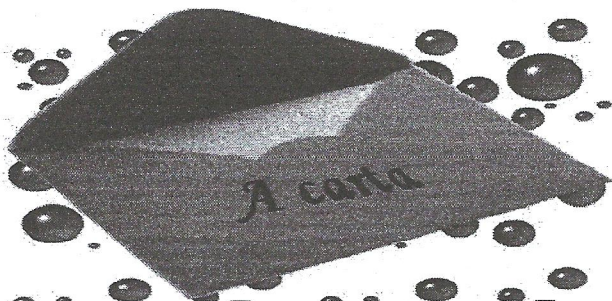
19) Numa das mudanças de fase na vida da menina – “Quando surgirem / Seus primeiros raios de mulher” – o eu lírico afirma que “A vida se abrirá / Num feroz carrossel”. No contexto da canção, a expressão “feroz carrossel” significa

- (A) diversões perigosas para uma criança.
- (B) conquistas incentivadas pela família.
- (C) incertezas sobre a futura profissão.
- (D) desafios novos diante do mundo.
- (E) convívio com falsas amizades.

20) Além das variações de *tempo*, o verbo expressa diferentes *modos*, que representam ações ou acontecimentos segundo o ponto de vista de quem fala. A forma verbal foi usada no modo subjuntivo em:

- (A) "Quando surgirem".
- (B) "Vou lhe dar abrigo".
- (C) "O que está escrito em mim".
- (D) "Te acompanhar nas provas".
- (E) "E você vai rasgar meu papel".



**PROPOSTA DE REDAÇÃO****I**

Carta (s.f.) 1. Mensagem, manuscrita ou impressa, a uma pessoa ou a uma organização, para comunicar-lhe algo 2. *p.ext.* tal mensagem, fechada num envelope, geralmente endereçado e frequentemente selado.

(Dicionário Houaiss da língua portuguesa)

II**A carta**

A carta é uma forma de produção textual que existe há muito tempo, provavelmente desde que o homem percebeu a necessidade de se comunicar à distância. A “certidão de nascimento” do Brasil, por exemplo, é uma carta: aquela que o escrivão Pero Vaz de Caminha enviou ao rei de Portugal relatando o descobrimento das novas terras.

As cartas eram mais comuns antes do surgimento das tecnologias digitais. Hoje, com a evolução da informática, temos o correio eletrônico (o *e-mail*), canal de informação que agilizou muito o processo de comunicação entre as pessoas. Por isso é muito difícil encontrar quem ainda troque correspondências escritas à mão; é mais frequente as pessoas se falarem por *e-mail*, que não precisa nem de selo, ou seja, dispensa o pagamento.

VILARINO, Sabrina. “Carta Pessoal”; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/redacao/carta-pessoal.htm>> Acesso em 16/10/2016. (texto adaptado)

III – Exemplo de carta:

Rio de Janeiro, 25 de outubro de 2016.

Querida Duda,

Tudo bem com você? E seus pais? Também estão bem? Tomara que sim!!

Nós aqui estamos com muita saudade de você!! Papai e mamãe sempre lembram das férias que você passou aqui com a gente, das nossas idas à praia, dos lanches à noite... Foram dias maravilhosos, amiga!

Tanto que minha mãe pediu para eu escrever convidando você para repetirmos a dose; quer vir passar uns dias em janeiro aqui no Rio com a gente? Poderíamos ir patinar no Parque de Madureira, passear na região do porto (onde, aliás, tem dois museus novos e lindos!)... E, claro, ir de novo à praia. Vai ser bem legal!!

Espero sua resposta, Duda!

Um beijão!!

Pedrinho.



A imagem representa uma fotografia de Maria Cícera escrevendo a única coisa que ela sabe: seu nome.

Escreva uma carta para uma autoridade pública em educação – que pode ser um diretor de escola, um secretário municipal, ou até o ministro da Educação. Explique a essa autoridade do que você gosta na sua escola e diga como ela poderia ficar melhor. Capriche!

Não se esqueça de que sua carta:

- Será iniciada por uma saudação.
- Apesar de ser uma carta, seu texto não deverá ser assinado nem identificado com seu nome.
- Precisa seguir a forma padrão da língua portuguesa escrita.
- Deve ter entre 15 e 25 linhas.



RASCUNHO

1

5

10

15

20

25